

Grupo internacional usa genética para estudar povos andinos



Livros que contam a história do Brasil e de países da América do Sul podem mudar em breve seu conteúdo. Pesquisas sobre a **ancestralidade dos povos indígenas** que hoje habitam essas terras têm revelado, por meio de **investigação genética**, a misteriosa identidade dessas populações.

Além dos índios brasileiros, o passado de povos do Peru e da Bolívia é objeto de estudo de um grupo de pesquisadores internacionais, coordenado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O mais recente trabalho, com **388 indígenas peruanos e bolivianos**, fez uma descoberta sobre os antepassados dos uros, etnia que habita os Andes e vive às margens de rios e do Lago Titicaca.

As amostras do material genético - foi recolhida saliva dos 388 indígenas para exame de DNA - indicam que eles têm ancestralidade paterna e materna bem diferente dos aimarás e quéchuas, etnias indígenas predominantes no altiplano andino. Com o estudo, os pesquisadores puderam constatar que, diferentemente do que se defende por parte da população dos países andinos, a etnia dos uros do Titicaca não se extinguiu na década de 1950, quando os últimos falantes da língua original (uruquilla) morreram.

“Há quem diga que eles (os uros) são farsantes e que se apropriaram dos costumes dos ancestrais dessa etnia para lucrar com a venda de artesanato e com o turismo”, afirma o professor de genética do Departamento de Biologia da UFMG, Fabrício Santos, coordenador da pesquisa.

Segundo ele, apesar da extinção da língua, as comunidades de uros mantêm **hábitos de seus antepassados**, como as danças, as casas flutuantes e as embarcações de totora, uma espécie de planta aquática usada tradicionalmente para a construção desses barcos e de ilhas flutuantes do Lago Titicaca e em praias do Peru.

Na Bolívia, os uros já são reconhecidos pelo governo daquele país, mas no Peru eles ainda lutam pelo reconhecimento legal, apesar de manter costumes de mais de 3 mil anos, segundo o professor. Para ele, a pesquisa sobre ancestralidade, somada aos esforços de outros pesquisadores e antropólogos, é um avanço para que a etnia dos uros seja devidamente reconhecida.

HISTÓRIA REVISATADA

Pela ótica da genética é possível revelar dados históricos da América do Sul, que mostram que esta região é mais antiga do que a relatada sob o ponto de vista da chegada dos europeus na América Latina. “Os livros de história têm um viés muito grande com a colonização, há 500 anos. Esse processo, na verdade, pode ser anterior a 500 gerações, ou seja, cerca de 14 mil anos atrás”, diz o professor Fabrício Santos.

Ele defende que a **identidade de todos os povos indígenas está diretamente ligada ao passado**, à história de ocupação das regiões por seus ancestrais.

Também participante da pesquisa, o diretor do Centro de Genética e Biologia Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de San Martín Porres, no Peru, professor Ricardo Fujita, destaca a relevância do estudo para seu país.

A descoberta, descrita no artigo *The genetic history of indigenous populations of the peruvian and bolivian altiplano: The legacy of the uros*, será finalizada em 2014. A partir daí, novas pesquisas arqueológicas, que usam o **DNA como ferramenta**, vão dar continuidade ao projeto, financiado pela **National Geographic** e pela IBM.

As pesquisas têm o objetivo de **reconstruir a história do povoamento do planeta** pela espécie humana por meio de análises genéticas. São 10 centros de pesquisa espalhados pelo mundo, sendo que um deles, o Centro de Pesquisa da América do Sul, está localizado na UFMG.

Fonte: Estado de Minas